



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

ISSN: 2448-2722

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37-50) À LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO

The Historicity of Joseph's Patriarchal Narrative (Genesis 37-50) in the Light of the Egyptian Historical-Cultural Context

Fabricio Luís Lovato *

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8943577436722902>

RESUMO: A narrativa patriarcal de José, relatada nos capítulos 37 a 50 do livro de Gênesis, é uma das mais belas e fascinantes histórias da Bíblia e mesmo da literatura mundial. O relato é significativo para os judeus, cristãos e muçulmanos. Apesar disso, alguns estudiosos o tomaram como uma obra de ficção ou romance, produzido tardiamente em relação aos eventos que descreve. Esse artigo discute a confiabilidade dessa narrativa, à luz de diversos detalhes históricos e culturais confirmados por descobertas egípcias contemporâneas.

Palavras-chave: Gênesis; Patriarcas; Egito; Arqueologia.

ABSTRACT: The patriarchal narrative of Joseph, reported in chapters 37 to 50 of the book of Genesis, is one of the most beautiful and fascinating stories in the Bible and even in world literature. The account is meaningful to Jews, Christians and Muslims. Despite this, some scholars have taken it as a work of fiction or a novel, produced belatedly in relation to the events it describes. This article discusses the reliability of this narrative in light of various historical and cultural details confirmed by contemporary Egyptian discoveries.

Keywords: Genesis; Patriarchs; Egypt; Archeology.

* Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM), Bacharel em Teologia (Treinamento Ministerial por Extensão – TIME), Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada (Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR), Mestre em Bioquímica Toxicológica (UFSM) e Doutor em Educação em Ciências (UFSM). Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul) em Pelotas, RS. Contato: fabricio.biotox@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em sua adolescência, por ser muito amado por seu pai (um “filho de sua velhice”) ele recebe um belo casaco de múltiplas cores¹, o que acaba despertando o ciúme em seus irmãos. Adicionalmente, sonhos estranhos profetizam o seu domínio sobre sua família. Movidos pela raiva, seus irmãos pensam inicialmente em matá-lo, mas acabam vendendo-o como escravo a um grupo de mercadores que o levam até o Egito. Lá, ele ascende profissionalmente na residência de um oficial da guarda de faraó. A esposa de seu patrão tenta seduzi-lo e, ao ter os seus avanços rejeitados, acusa-o falsamente de assédio e faz com que ele seja lançado na prisão. Na prisão, o jovem interpreta sonhos preditivos de dois companheiros. Dois anos depois, é chamado para interpretar os sonhos do próprio faraó, o que lhe permite uma alta posição política no país e a oportunidade de ser um instrumento de Deus para a salvação de inúmeras vidas, incluindo sua família, em meio a uma severa fome que atinge várias terras.

Se alguém pensa que a Bíblia é um livro “chato”, é porque ainda não leu essa narrativa! Cheia de ação e suspense, a história do patriarca José², filho de Jacó é, sem dúvida, “uma das narrativas mais fascinantes da Bíblia Hebraica” (DOSPĚL, 2021). Keller a descreve como “uma das histórias mais belas da literatura mundial” (KELLER, 1978, p. 105). Em meio a uma série de altos e baixos, a providência divina colocou um jovem sonhador em uma das posições mais poderosas em todo o mundo de sua época.

¹ Silva comenta que “ganhar uma vestimenta especial (provavelmente tingida de cores raras e enriquecida com adornos) foi uma mensagem para os irmãos de José. Significava que ele era o favorito de Jacó para ocupar a chefia do grupo após a sua morte” (SILVA, 2007, p. 84).

² O nome de José (“Yoseph”) está confirmado como pertencente à população dos amorreus, do grupo de língua semítica do noroeste, no início do segundo milênio a.C. (KAISER JR., 2007, p. 80).

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37 A 50) À LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO

Fabrício Luís Lovato

6

José é uma figura relevante para o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. As Escrituras do Antigo Testamento consideram José o ancestral de duas das doze tribos israelitas: Efraim e Manassés. Na literatura rabínica, José é também considerado o ancestral de uma futura figura messiânica, conhecida como o “Messias, filho de José”. Mitchell explica que

esse Messias vem da Galiléia para morrer, traspassado por inimigos implacáveis, no portão de Jerusalém. Após a sua morte, Israel é espalhado entre as nações. Mas a sua morte [...] confunde Satanás, expia o pecado e abole a própria morte. E então, ele é ressuscitado para a vida novamente. (MITCHELL, 2021, p. 1)³

O Novo Testamento apresenta José como um dos “heróis” em sua “galeria da fé”: “Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos.” (Hebreus 11:22). Em muitos aspectos, José pode ser considerado um tipo⁴ de Jesus⁵.

O Alcorão, livro sagrado do Islã, considera José um profeta (Surata 40:34). Um capítulo inteiro (Surata 12, com 111 versos, intitulada “José”) é dedicado à

³ O “Messias, filho de José” apareceria nos últimos dias e morreria antes do aparecimento de uma segunda figura messiânica real, o “Messias, filho de Davi” (MITCHELL, 2021, p. ix). Ele é discutido “na literatura judaica de cada gênero e período, em documentos escritos por e para judeus, passados de geração em geração nas línguas hebraica, aramaica, árabe e persa” (MITCHELL, 2021, p. 1). Dois messias foram postulados pelos judeus para explicar as profecias que falam de um Messias sofredor que morre e as que falam de um Messias que vem para reinar eternamente. Os cristãos aplicam essas profecias ao mesmo Messias, Jesus Cristo, em suas duas vindas a esse mundo.

⁴ Um tipo é um “evento histórico ou uma pessoa real que de certa maneira simboliza ou antecipa uma ocorrência posterior; particularmente, uma antevisão presente no Antigo Testamento de um evento ocorrido no Novo Testamento” (ERICKSON, 2011, p. 197).

⁵ Unger comenta: “Numerosos paralelos entre a sua [de José] vida e a Jesus podem ser alistados, embora não se afirme em nenhum lugar que ele seja tal tipo. (a) Ambos foram objetos especiais do amor de um pai (Gn 37.3; Mt 3.17; Jo 3.35; 5.20). (b) Ambos foram odiados e rejeitados pelos irmãos (Gn 37.4; Jo 15.25). (c) Em ambos os casos os irmãos conspiraram para matá-los (Gn 37.18; Mt 26.3-4). (d) Na intenção e em figura, José foi levado à morte pelos irmãos, enquanto Cristo foi de fato morto (Gn 37.24; Mt 27.35-37). (e) Assim como José reconciliou-se com os irmãos e depois os exaltou, Jesus também, no segundo advento, será reconciliado com o Israel convertido (Gn 45.1-15; Dt 30.1-10; Os 2.14-18; Rm 11.1, 15, 25, 26).” (UNGER, 2011, p. 67-68)

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37 A 50) À LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO

Fabrício Luís Lovato

7

sua história, a qual é chamada de “a mais bela das narrativas” (12:3). Na versão islâmica, depois que seus irmãos o jogam na cova, Deus garante a José que ele sobreviverá à provação e os confrontará sobre o que fizeram; também se declara explicitamente que foi Satanás quem causou a discórdia entre os irmãos.

Alguns estudiosos tomaram essa peça de arte literária como uma obra de ficção ou romance (REDFORD, 1993, p. 422-429; LOUDEN, 2011, p. 63; SMITH, 1984, p. 243-244). Os diversos gêneros já propostos para sua categorização incluem “novela”, “história de milagre”, “história didática”, “conto popular”, “historiografia” e “história familiar ou política” (SHUPAK, 2020, p. 341)⁶. A maioria dos estudiosos atuais considera a história de José um conjunto de lendas retrabalhadas, datáveis entre os séculos VIII e VI a.C. (CLARKE, 2013, p. 58). Gary Leupp, professor de História na Tufts University, classifica toda a narrativa como “um mito, sem nenhuma evidência por trás dele”. E é ainda mais mordaz em seus comentários: “não acredito no personagem da Bíblia [José] - não mais do que acredito em Prometeu, Rama ou o Imperador Amarelo da mitologia chinesa” (LEUPP, 2015).

Até o momento, não existem evidências diretas da existência de José⁷. Além do texto bíblico, não foram encontradas inscrições ou documentos que mencionem o patriarca ou os seus feitos no Egito⁸ (HOFFMEIER, 1996, p. 97;

⁶ De fato, a história de José segue belos padrões literários, mas isso de forma alguma impugna a sua historicidade. Os relatos de Idrimi, Hattusilis, Esar-Hadom e Nabonido seguem etapas narrativas que se enquadram no gênero “conto de herói”, mas são governantes históricos bem atestados (HOFFMEIER, 1996, p. 82). Podemos considerar a epopeia de José como possuindo tanto realidade histórica quanto sofisticação literária.

⁷ Obviamente, isso não é “prova” de que José não existiu. A evidência negativa não pode provar a inexistência de alguém, e a história de José não possui nada de incrível ou inacreditável (cf. HOFFMEIER, 1996, p. 97). As evidências materiais para as pessoas na história costumam ser a exceção, e não a regra, especialmente quanto mais se volta no tempo.

⁸ Embora alguns tenham tentado identificar José com personagens egípcios conhecidos, como Mentuhotep, Ipiankhu ou Imhotep (CLARKE, 2013, p. 61; STRICKLING, 2005, p. 49-51). Algumas das identificações propostas requerem revisões na cronologia egípcia tradicional.

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37 A 50) À LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO

Fabício Luís Lovato



PRICE, 2013, p. 294). Apesar disso, a narrativa de José está repleta de detalhes que podem ser comprovados (como nomes, lugares e costumes), e assim, a História e a Arqueologia do Antigo Egito apontam para um núcleo histórico plausível no centro da história. Como declara Aling (2002a, p. 21), “nenhuma parte do Antigo Testamento tem uma coloração egípcia mais rica do que a história de José. Nomes egípcios, títulos, lugares e costumes aparecem em Gênesis 37-50”. A evidência sugere que a cultura egípcia na qual José viveu é descrita precisamente no relato bíblico, o que lança luz sobre a sua confiabilidade geral. Alan R. Schulman afirma que

É bastante claro que a pessoa que escreveu ou anotou as sagas de José tinha um conhecimento extremamente íntimo da vida, literatura e cultura egípcia, particularmente no que diz respeito à corte egípcia e, na verdade, pode até ter vivido no Egito por um tempo. (SCHULMAN, 1975, p. 236)⁹

Assim, como declara Hoffmeier, “a história de José tornou-se um campo de testes para definir se a Egiptologia tinha algo a contribuir para os estudos do Pentateuco” (HOFFMEIER, 1996, p. 77). O objetivo do presente trabalho é discutir a historicidade da narrativa de José, à luz do contexto histórico-cultural egípcio relatado na narrativa. Após uma discussão sobre o cenário histórico mais amplo (seção 1), se discutirão uma série de elementos mais específicos presentes no relato (seção 2).

⁹ Sobre a escrita da história de José, veja a seção 3 nesse artigo.

1 - CENÁRIO HISTÓRICO DA NARRATIVA

Tanto os estudos acadêmicos contemporâneos quanto a própria Bíblia permitem situar a história de José dentro da janela de tempo entre 2000 e 1600 a.C. Esse período compreende duas fases da história egípcia: o Império Médio (2000-1786 a.C.) e o Segundo Período Intermediário (1786-1570 a.C.) (ALING, 2002a, p. 21).

O Segundo Período Intermediário não foi um tempo de grandeza para o Egito. Um grupo asiático, chamado de hicsos¹⁰ pelos egípcios, controlava o Norte. Sua capital era Avaris, mais tarde renomeada "Ramsés", em homenagem ao faraó Ramsés II (1290-1233 a.C.). O Sul era governado por dinastias egípcias locais, sem grande poder ou importância, pelo menos nos primeiros anos (ALING, 2002a, p. 22).

Muitos estudiosos dataram a história de José no período hicsos, uma vez que os israelitas também eram um povo asiático semita, o que ajudaria a explicar a sua elevada posição política na corte egípcia (e.g. KELLER, 1978, p. 107, 112). Contudo, uma série de dados bíblicos e históricos contraria essa suposição (ALING, 2002a, p. 23).

O livro de 1 Reis 6:1 afirma que "no ano quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito, Salomão, no ano quarto do seu reinado sobre Israel, no mês de zive (este é o mês segundo), começou a edificar a Casa do Senhor". O quarto ano de Salomão é aceito praticamente por todos os estudiosos como tendo ocorrido em 966 a.C., o que situaria o êxodo do Egito em 1446 a.C.

¹⁰ Os hicsos migraram para o Egito da região leste do Mar Mediterrâneo (atualmente Israel, Jordânia, Líbano e Síria). Governaram como faraós durante o Segundo Período Intermediário, obtendo o controle político da maior parte do Baixo Egito, de 1720 a 1570 a.C.

Adicionalmente, Êxodo 12:40 nos informa que “o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos”, o que nos permite inferir a descida de Jacó com sua família para o Egito em 1876 a.C., dentro do período do Império Médio, portanto (XII Dinastia, 2000-1786 a.C.)¹¹ (ALING, 2002a, p. 23; MERRILL, 2007, p. 41). Merrill (2007, p. 41) argumenta que José nasceu em 1916 a.C., entrou no Egito em 1899 a.C., subiu ao poder em 1886 a.C. e faleceu em 1806 a.C.

Após a interpretação dos sonhos de faraó, José foi nomeado governante sobre toda a terra do Egito (cf. Gênesis 41; tb. 42 e 45). Isso não poderia ser afirmado em um contexto hicsó, pois estes nunca governaram toda a terra do Egito (apenas a região Norte), mas poderia ser dito dos faraós egípcios do Império Médio (ALING, 2002a, p. 23).

Quando José também é recompensado com uma esposa por seus serviços ao rei, é dito que a mulher era filha de Potífera, sacerdote de On (Gênesis 41:45). On (conhecida pelos gregos como “Heliópolis”) era o centro da adoração ao sol no antigo Egito, na pessoa de Re ou Rá, a manifestação de Amon-Re no Norte e a divindade suprema nos Impérios Médio e Novo. Os hicsos tinham em Set sua divindade favorita, o qual às vezes era considerado uma figura quase demoníaca pelos egípcios. Se fosse um rei hicsó quem estivesse recompensando José, o esperado seria que sua nova esposa fosse filha de um sacerdote de Set (ALING, 2002a, p. 23; ALING, 2003a, p. 13).

Uma descoberta arqueológica de grande importância é a de um edifício oficial, justamente da época da XII Dinastia, realizada pelo arqueólogo austríaco

¹¹ Essa data também está de acordo com as informações de Gênesis 15:13 e Juízes 11:26.

Manfred Bietak, em Tell El Dab'a, entre 1984 e 1987. Tell El Dab'a era o local da antiga cidade de Avaris, no Delta do Nilo. Não era uma cidade fortificada, mas um assentamento rural com evidências de currais ou baias para a criação de animais. Avaris parece ter sido um local de acomodação de não egípcios muito cedo e, posteriormente, se consolidou como o locus do poder hicsu (SILVA, 2007, p. 91).

As evidências sugerem que o edifício pertencia a um alto funcionário do governo. Um cemitério no jardim do palácio continha várias tumbas. O maior e mais impressionante túmulo era formado por uma única câmara de alvenaria, com uma pequena capela à sua frente. Embora a tumba tenha sido saqueada¹², os restos de uma estátua quebrada foram encontrados. A coloração amarelada da pele e o penteado em cogumelo são representações típicas de asiáticos do sexo masculino. O cetro faraônico especial em sua mão leva a supor que se tratava de alguém muito importante no Egito. Embora não seja possível comprovar para além de qualquer dúvida, vários autores sustentaram que ali estaria a estátua do próprio José, quando esteve no poder. Silva comenta que "há vários indícios que apontam nessa direção e não podemos descartar a possibilidade de ter encontrado aqui em Tell el Dab'a a confirmação arqueológica da morada de José e sua família nas terras do Egito" (SILVA, 2007, p. 91).

Em conclusão, a partir de dados cronológicos bíblicos e históricos, é possível situar a narrativa de José iniciando sob o governo do faraó Sesóstris¹³ II (1897-1878 a.C.) (foram os seus sonhos que José interpretou e sob quem serviu como alto oficial de governo nos anos de abundância), continuando sob Sesóstris III (1878-1843 a.C.) (quem convidou Jacó e seus filhos a se estabelecerem no

¹² Também não havia nenhum corpo no interior da tumba. A razão estaria em Gênesis 50:25?

¹³ Essa é a forma grega mais familiar de "Senusret".

leste do Delta) e terminando sob Amenemés III (1842-1797 a.C.) (não temos maiores informações sobre José nesse período). Sesóstris III foi o rei mais importante da XII Dinastia (ALING, 2002a, p. 23; MERRILL, 2007, p. 43-44).

2 - ELEMENTOS ESPECÍFICOS DA NARRATIVA

2.1 - Nomes Pessoais

A narrativa de José apresenta quatro nomes pessoais. São eles: Potifar, o mestre de José (Gênesis 39:1); Potífera, o sogro de José (Gênesis 41:45); Asenate, a esposa de José (Gênesis 41:45); e Zafenate-Paneia, o nome egípcio conferido a ele pelo faraó (Gênesis 41:45). Hoffmeier comenta que “apesar da discordância entre os especialistas egípcio-semitas sobre a etimologia precisa dos quatro nomes pessoais discutidos aqui e sua datação [...], todos concordam que eles são inegavelmente egípcios” (HOFFMEIER, 1996, p. 87).

Em geral, pensa-se que Potifar é uma versão mais curta do nome Potífera. A parte final do nome do sacerdote é “Re” ou “Rá”, o deus-patrono de On ou Heliópolis. Este era o centro de culto mais importante do deus-sol, desde o Império Antigo até o Terceiro Período Intermediário (HOFFMEIER, 1996, p. 84). Hoffmeier explica que

O cenário egípcio da história de José é ainda demonstrado pelo uso de nomes egípcios genuínos na narrativa. O mestre de José, Potifar, e seu sogro, Potífera (Gênesis 41:45), compartilham variações do mesmo nome, que em egípcio significa ‘aquele a quem Re (o deus-sol) concedeu’. (HOFFMEIER, 2008, p. 46)

Potífera era sacerdote no templo de Re, em On. Visto que sua filha, Asenate, foi concedida a José como esposa como uma forma de homenagem, é possível que Potífera fosse o sumo-sacerdote e uma das principais figuras religiosas do Egito na época (ALING, 1981, p. 46).

Aling comenta que Asenate “é um bom nome feminino egípcio da época” (ALING, 2003a, p. 12). Há muito se pensa que o nome deriva do egípcio *ns-nt*, “aquela que pertence à [deusa] Neith”. Kitchen, por sua vez, argumentou que o nome Asenate é melhor entendido como estando ligado a *iw.s n.t* (“aquela que pertence a você”) (cf. HOFFMEIER, 1996, p. 85).

O nome Zafenate-Paneia “indiscutivelmente” é de “derivação egípcia”, apesar de ainda haver dúvidas sobre o seu significado (HOFFMEIER, 1996, p. 85). Kitchen argumenta em favor de “Aquele que é chamado Ipiankhu [‘que reconhece a vida’]” (cf. HOFFMEIER, 1996, p. 85). Clarke (2013, p. 59) apresenta uma série de explicações já propostas para o significado de Zafenate-Paneia (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Significados Propostos para o Nome Zafenate-Paneia

"Deus fala e ele vive"
"Aquele que é chamado Ipiankhu"
"O homem a quem os mistérios são revelados"
"Tesouro de descanso glorioso"
"Chefe do colégio sagrado"
"Revelador de um segredo" ou "Preservador de um mundo (ou era)"
"Nutridor do vivente"
"O mestre da escola de aprendizado"
"Aquele que fornece o alimento da vida"
"Governador do nomo Setroíta" (região de Gósen)

A história de José atesta que a prática de dar nomes egípcios a pessoas estrangeiras não se restringia a servos ou escravos. Hoffmeier cita ainda o exemplo de que a "princesa hitita que se casou com Ramsés II por volta de 1246 a.C. foi renomeada como 'Maat-Hor-Neferure, que ela viva, a filha do Grande Governante de Hatti e filha da Grande Rainha de Hatti'" (HOFFMEIER, 1996, p. 87).

Ao longo da narrativa, não somos informados acerca do nome do rei egípcio. "Faraó" aparece ao longo dos livros de Gênesis e Êxodo não seguido por um nome próprio. Como Aling explica, "esta prática foi instituída apenas no final

do período da história egípcia, como é refletido corretamente em Jeremias 44:30, onde o 'Faraó Hofra' é mencionado" (ALING, 2003a, p. 10). Hoffmeier também comenta que "no período coberto de Gênesis e Êxodo a Salomão e Roboão, o termo 'Faraó' ocorre sozinho, enquanto depois de Sisaque (cerca de 925 a.C.), o título e o nome aparecem juntos (por exemplo, Faraó Neco, Faraó Hofra)" (HOFFMEIER, 1996, p. 87-88).

2.2 - Venda de José e Escravidão

"Ora, sentando-se para comer pão, olharam e viram que uma caravana de ismaelitas vinha de Gileade; seus camelos traziam arômatas, bálsamo e mirra, que levavam para o Egito." (Gênesis 37:25)

"E, passando os mercadores midianitas¹⁴, os irmãos de José o alçaram, e o tiraram da cisterna, e o venderam por vinte siclos de prata aos ismaelitas; estes levaram José ao Egito." (Gênesis 37:28)

Os mercadores árabes são descritos em Gênesis como levando plantas aromáticas e especiarias para o comércio no Egito. De fato, havia uma ampla procura por esses produtos na terra do Nilo. Eram empregados para a queima de incenso nos serviços religiosos, pelos médicos para o tratamento de doentes e pelos sacerdotes para o embalsamamento dos mortos (KELLER, 1978, p. 108).

Ao longo dos anos, muitos estudiosos alegaram que os camelos não haviam sido ainda domesticados na época dos patriarcas; sua menção nas narrativas de Gênesis seria um anacronismo (e.g. KELLER, 1978, p. 114). Ripinsky discutiu evidências que mostram que os camelos foram provavelmente

¹⁴ A caravana era composta de midianitas, descendentes de Abraão por meio de Quetura, e de ismaelitas, seus descendentes por meio de Agar. Portanto, esses mercadores eram primos de José em segundo ou terceiro grau (NIV ARCHAEOLOGICAL STUDY BIBLE, 2005, p. 63).

domesticados no Egito já no início do período dinástico e no Império Antigo (RIPINSKY, 1985, p. 136-138). Pinturas e estatuetas de camelos que datam do período pré-dinástico do Egito foram encontradas, e uma corda trançada com pelos de camelo, datada da Terceira ou Quarta Dinastia, foi encontrada na escarpa norte de Faiyum (GARRETT, 1991, p. 83).

Os irmãos de José o vendem a uma caravana de mercadores por “vinte siclos de prata”. Teriam eles feito um “bom negócio”? Registros babilônicos, em argila e pedra, confirmam que esse valor correspondia à taxa média de um escravo durante a primeira metade do segundo milênio antes de Cristo (KITCHEN, 2006, p. 344-345; KITCHEN, 1966, p. 52-53; HOFFMEIER, 1996, p. 83). Antes disso, o custo era mais baixo, e com o passar do tempo, esse valor passou por aumentos devido à inflação.

Na segunda metade daquele milênio, o preço era de 30 siclos ou mais, o que também se reflete na legislação mosaica (HOFFMEIER, 1996, p. 84; MENDELSON, 1955, p. 68; cf. Êxodo 21:32). Posteriormente, o preço subiu para 50-60 siclos (HOFFMEIER, 1996, p. 84; HOFFMEIER, 2008, p. 46; KITCHEN, 2006, p. 344-345), o que parece estar refletido no resgate de Menaém de Israel, entregue ao rei da Assíria (2 Reis 15:20).

Se a história de José tivesse sido fabricada perto do sexto século a.C., conforme os críticos, o preço relatado seria algo em torno de 60 siclos, em vez de 20 (KITCHEN, 2006, p. 345; SILVA, 2007, p. 85). Hoffmeier comenta que “certamente, este ponto por si só não resolverá a questão da datação ou da autenticidade da tradição, mas quando pesado junto com outras considerações, não pode ser deixado de lado” (HOFFMEIER, 1996, p. 84).

Aling (2002a, p. 23) afirma que “o Império Médio é o primeiro grande período na história egípcia onde a escravidão era bem conhecida”, com o número

de escravos siro-palestinos crescendo constantemente (ALING, 2002b, p. 35). Embora durante esse período alguns dos escravos asiáticos tenham sido capturados como prisioneiros de guerra, a maioria não foi obtida através da violência, mas entrou no Egito através do comércio de escravos, exatamente como na história de José (ALING, 2002b, p. 35; KITCHEN, 1960a, p. 181). Esses escravos pertenciam a donos particulares (ALING, 2002b, p. 37)

Um famoso papiro (Papiro Brooklyn 35.1446) datado do Império Médio (XIII Dinastia) foi publicado em 1950, pelo egiptólogo norte-americano William C. Hayes. Esta folha de papiro era originalmente uma página no registro de criminosos da grande prisão em Tebas (c. 1833-1812 a.C.). Cerca de sessenta anos depois (c. 1750 a.C.), o verso da folha foi utilizado como um “papel de rascunho” por um oficial egípcio, para elaborar uma lista dos escravos em sua casa (ALING, 2002b, p. 36; KITCHEN, 1960a, p. 180-181).

Dos 79 nomes de escravos citados, pelo menos 45 podem ser identificados como sendo da região sírio-palestina (SILVA, 2007, p. 85). Dentre eles, pode-se citar uma versão feminina do nome hebraico Menaém; Sk-ra-tw, nome feminino comparável ao hebraico Issacar; Ashra, certamente a versão feminina de Aser; e Shepra, nome conhecido a nós como Sifrá, a parteira do livro do Êxodo (ALING, 2002b, p. 36; KITCHEN, 1956, p. 2; KITCHEN, 1960a, p. 182). Há também um nome etimologicamente comparável ao de Jó (KITCHEN, 1956, p. 2); Aqab e Aqabtu, nomes com a mesma base que Jacó (“Ya’aqob”); e Smstu, uma forma feminina remanescente do hebraico Sansão (KITCHEN, 1960a, p. 182).

O acompanhamento em muitos dos nomes semitas do epíteto “que-é-chamado”, seguido de um nome egípcio, fornece um paralelo contemporâneo poderoso a José recebendo o nome egípcio de Zafenate-Paneia (Gênesis 41:45) (KITCHEN, 1956, p. 2). Kitchen explica que “embora nenhuma parte principal deste papiro toque diretamente o próprio José, ainda assim, seu fascinante

material de fundo contribui fortemente para a impressão de realidade em Gen. xxxix-xl" (KITCHEN, 1956, p. 2).

As funções atribuídas aos escravos asiáticos nessa lista fornecem alguns paralelos importantes com a carreira de José. Em geral, são trabalhos mais agradáveis e menos onerosos do que aqueles realizados por escravos nativos (KITCHEN 1960, p. 181-182). Um dos títulos mais comuns era o de "servo doméstico", o que pode nos dar uma ideia das funções realizadas por José na casa de Potifar. Esses servos traziam comida e bebida para seus senhores, e poderiam também ser cozinheiros, professores ou cervejeiros (ALING, 2002b, p. 36-37).

De servo doméstico, José foi elevado a mordomo, o encarregado da casa (Gênesis 39:4). Vários dos servos mencionados Papiro Brooklyn 35.1446 são identificados como *hry-pr* (literalmente, "aquele que está sobre a casa") (HOFFMEIER, 1996, p. 84). A partir de documentos do período do Império Novo (1570-1085 a.C.), sabe-se que os mordomos eram alfabetizados e tinham como principal função supervisionar as propriedades agrícolas do seu mestre (ALING, 2002b, p. 37-38). Isso lança uma luz adicional sobre Gênesis 39:5: "E, desde que o fizera mordomo de sua casa e sobre tudo o que tinha, o Senhor abençoou a casa do egípcio por amor de José; a bênção do Senhor estava sobre tudo o que tinha, tanto em casa como no campo." Sem dúvida, as atividades que José desenvolveu durante esse período foram um treinamento para suas tarefas administrativas quando os sete anos de fome se iniciaram.

2.3 - Prisão

“E o senhor de José o tomou e o lançou no cárcere, no lugar onde os presos do rei estavam encarcerados; ali ficou ele na prisão.” (Gênesis 39:20)¹⁵

Prisões eram raras no antigo Oriente Próximo e o Egito era uma das poucas nações que as possuíam. Multas, mutilações corporais ou pena de morte eram as penalidades comuns para crimes no antigo Oriente Próximo (ALING, 2002c, p. 99). Não há menções a prisões na legislação mosaica ou algum paralelo próximo ao nosso conceito moderno.

A partir do papiro publicado por Hayes, sabe-se que os egípcios chamavam a prisão de “Lugar de Confinamento”. Era dividida em um “bloco de celas”, como uma prisão moderna, e um “quartel”, que mantinha prisioneiros que eram forçados a servir como trabalhadores para o governo, nos canais e diques de drenagem que eram vitais para a existência econômica do Egito. Alguns dos prisioneiros estavam cumprindo pena de prisão por seus crimes, enquanto outros ainda aguardavam a decisão de sua punição. Esse último era o caso do copeiro-chefe e do padeiro-chefe (títulos que também aparecem em documentos egípcios), que estavam na prisão com José (ALING, 2002c, p. 99; KITCHEN, 1960a, p. 181).

Havia um “Diretor” ou “Supervisor da Prisão”, auxiliado por uma equipe de escribas, que mantinha os registros da instituição. Aling afirma que “o título real de ‘Superintendente da Prisão’ não é comumente encontrado em inscrições egípcias, mas exemplos existem desde o Império Médio, o tempo de José” (ALING, 2002c, p. 100). Um dos principais assistentes era o “Escriba da Prisão”,

¹⁵ “A punição normal para o adultério no antigo Egito era a morte; o fato de que José não sofreu execução é interessante e talvez indique que Potifar duvidava da veracidade de sua esposa, que havia feito a acusação.” (ALING, 2002c, p. 99)

um “braço direito” do Diretor. Uma vez que José era alfabetizado (deduzido a partir do fato de que ele atuou como mordomo de Potifar), é bem provável que esse seja o cargo que ele tenha assumido em Gênesis 39:22 (ALING, 2002c, p. 100).

2.4 - Sonhos e Intérpretes

A interpretação de sonhos era um aspecto vital da vida no antigo Egito. Especialistas envolvidos nesse tipo de habilidade consultavam livros de sonhos (NIV ARCHAEOLOGICAL STUDY BIBLE, 2005, p. 67), exemplos dos quais foram descobertos por arqueólogos (por exemplo, o Papiro Chester Beatty III, atualmente no Museu Britânico). Kaiser Jr. comenta que “os egípcios parecem ter ultrapassado seus vizinhos na presença e interpretação de sonhos. A literatura egípcia registra, do Reinado Médio (cerca de 2000 a.C.) para frente, um número extraordinário de sonhos” (KAISER JR., 2007, p. 87).

Na história de José, os mágicos egípcios são chamados de “intérpretes de sonhos” (Gênesis 41:8, 24), enquanto nas narrativas do Êxodo (Êxodo 7:2; 8:3, 14, 15; 9:11) eles assumem o papel de encantadores. Em ambos os casos, a palavra utilizada é *hartummim*, para a qual uma origem egípcia foi reconhecida (HOFFMEIER, 1996, p. 88).

Os *hartummim* tinham relação com a “Casa da Vida”, um centro de aprendizagem, onde sacerdotes estudavam e transmitiam textos rituais e mágicos. Esta era, aparentemente, um departamento de cada templo importante. A Casa da Vida “era basicamente um colégio de sábios - possivelmente, em certo sentido, uma universidade” (GUNN, 1917, p. 252). Os seus serviços seriam claramente invocados em uma situação como a dos sonhos enigmáticos de faraó. A perturbação do padeiro-chefe e do copeiro-chefe após seus sonhos (Gênesis

40:5-6) pode ser explicada pelo fato de não terem acesso aos *hartummim* e seus manuais de interpretação (HOFFMEIER, 1996, p. 88).

Um dos sonhos de faraó apresentava sete vacas gordas, seguidas por sete vacas magras (Gênesis 41). A imagem parece fazer referência à deusa Hathor, divindade egípcia representada por uma vaca celestial e símbolo da alimentação. Sete santuários ao longo do Nilo, conhecidos como "as sete hathoras" ou "as sete vacas" eram dedicados à sua glória (SILVA, 2007, p. 89). Adicionalmente, inscrições egípcias da época dos Ptolomeus (305-30 a.C.) apresentam o símbolo hieroglífico da vaca como um criptograma (uma espécie de "símbolo secreto") para "ano" (KELLER, 1978, p. 113).

A superioridade de José - e seu Deus - sobre o ocultismo egípcio é demonstrada ao ele interpretar os sonhos dos colegas de prisão e do rei sem acesso a esse tipo de obras de referência. "Disse-lhes José: Porventura, não pertencem a Deus as interpretações?" (Gênesis 40:8) "Respondeu-lhe José: Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó." (Gênesis 41:16)

2.5 - O "Aniversário" de Faraó

"No terceiro dia, que era aniversário de nascimento de Faraó, deu este um banquete a todos os seus servos; e, no meio destes, reabilitou o copeiro-chefe e condenou o padeiro-chefe." (Gênesis 40:20)

O texto de Gênesis 40 nos informa acerca do "aniversário" de faraó, uma ocasião festiva para os seus oficiais e para o perdão do copeiro-chefe. Embora à primeira vista a festividade pareça aludir ao dia natalício (nascimento biológico) do rei, não há evidências textuais de que essa data fosse comemorada. Evidências egípcias fornecem uma outra interpretação da expressão.

O ato da coroação era visto, tanto em Israel quanto no Egito, como um “nascimento” para o rei (compare com Salmos 2:7: “Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei”, que trata da coroação do rei davídico messiânico). Os estudiosos acreditam que o aniversário de ascensão/coroação do rei era celebrado anualmente em Israel, embora a Bíblia não relate o que estava envolvido nessas festividades. “Da mesma forma”, Hoffmeier explica, “no Egito, a data de ascensão, quando o divino nascimento do rei como o Hórus vivo ocorria, era observada” (HOFFMEIER, 1996, p. 90).

O ano da ascensão de um novo rei era uma ocasião, no antigo Oriente Próximo, para o perdão de indivíduos, inclusive inimigos políticos. Um exemplo bíblico disso está relatado em 2 Reis 25:27: “No trigésimo sétimo ano do cativo de Joaquim, rei de Judá, no dia vinte e sete do duodécimo mês, Evil-Merodaque, rei da Babilônia, no ano em que começou a reinar, libertou do cárcere a Joaquim, rei de Judá.” Assim, “talvez o aniversário da coroação do rei também tenha servido como uma ocasião para o perdão, conforme sugerido pelo perdão de Faraó a seu mordomo na história de José” (HOFFMEIER, 1996, p. 91).

2.6 - Barbear-se

“Então, Faraó mandou chamar a José, e o fizeram sair à pressa da masmorra; ele se barbeou, mudou de roupa e foi apresentar-se a Faraó.” (Gênesis 41:14)

Aling explica que essa descrição se torna compreensível “quando percebemos que os egípcios eram um povo limpo e ficavam particularmente ofendidos com os pelos faciais” (ALING, 2002a, p. 23). Um exilado egípcio de nome Sinuhe também se barbeou quando retornou ao Egito, após ter vivido por anos entre os semitas da Síria (MERRILL, 2007, p. 45). Enquanto os egípcios

tinham o costume de barbear cabeça e barba, israelitas e assírios deixavam seus cabelos crescerem (FRIED, 2007). A arte egípcia antiga (como o desenho no túmulo de Beni Hassan, c. 1800 a.C.) retrata os egípcios sem barba e os cananeus com barba (SILVA, 2007, p. 83). As barbas utilizadas pelos faraós eram postiças (ALING, 2002c, p. 100).

Fried (2007) assevera que “este pedaço de informação tangencial” é “fornecido por um autor bíblico que estava familiarizado com a *realia* da corte egípcia e dos costumes egípcios”. Shupak comenta que “a cabeça raspada de José [...] parece simbolizar o fato de que ele não era mais um não egípcio, mas foi ‘naturalizado’” e que “este detalhe na história de José pode, portanto, indicar a familiaridade do autor hebraico com a corte real egípcia” (SHUPAK, 2020, p. 350).

Esse texto constitui também evidência adicional de que o faraó da narrativa de José era um egípcio, e não um hicsu. Sendo um povo asiático, os hicsos não se incomodariam com pelos faciais e uma falta geral de limpeza (ALING, 2002a, p. 23; MERRILL, 2007, p. 45).

2.7 - Cerimônia de Investidura

“Disse mais Faraó a José: Vês que te faço autoridade sobre toda a terra do Egito. Então, tirou Faraó o seu anel de sinete da mão e o pôs na mão de José, fê-lo vestir roupas de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. E fê-lo subir ao seu segundo carro, e clamavam diante dele: Inclinaí-vos! Desse modo, o constituiu sobre toda a terra do Egito. Disse ainda Faraó a José: Eu sou Faraó, contudo sem a tua ordem ninguém levantará mão ou pé em toda a terra do Egito. E a José chamou Faraó de Zafenate-Paneia e lhe deu por mulher a Asenate, filha

de Potífera, sacerdote de Om; e percorreu José toda a terra do Egito.” (Gênesis 41:41-45)

A cena em Gênesis 41:41-45 tem sido tradicionalmente “tomada para representar algum tipo de cerimônia de investidura. José é nomeado para uma posição elevada, e recebe os adereços de um alto cargo” (ALING, 2003a, p. 11). O linho fino, o colar de ouro, o anel de sinete e a carruagem usados na procissão lembram elementos documentados de cerimônias públicas durante os Impérios Médio e Novo do Egito (KITCHEN, 2006, p. 349; SHUPAK, 2020, p. 344). Por exemplo, uma pintura mostra Huy, vice-rei de Cuxe sob Tutankamon, recebendo um objeto enrolado em linho juntamente com um anel de sinete de ouro (HOFFMEIER, 1996, p. 91). Hoffmeier também chama a atenção para o fato de que há quatro palavras no hebraico para “linho”, mas a palavra utilizada em Gênesis é de etimologia egípcia reconhecida (HOFFMEIER, 1996, p. 91).

Dos adornos mencionados, a corrente de ouro é o mais importante. Este é um item comum que aparece em pinturas de tumbas egípcias retratando cenas de recompensa, especialmente no Império Novo (ALING, 2003a, p. 12; SHUPAK, 2020, p. 345).

Argumenta-se que as carruagens (Gênesis 41:43) não haviam sido introduzidas no Egito até o período hicsu (KELLER, 1978, p. 109), então a narrativa de José deveria ser redatada ou acusada de anacronismo. Mas esse veículo usado para o transporte de um alto funcionário do governo não precisa ser conectado com carros de guerra. É dito que José subiu ao “segundo carro”, deixando a impressão de que não havia muitos deles na época.

Após a descoberta do esqueleto de um cavalo pelos escavadores da antiga fortaleza de Buhen, de um período anterior ao uso egípcio de carruagens para a guerra, a conclusão dos arqueólogos foi: “É provável que, pelo menos nos

primeiros períodos, os cavalos eram pertencentes aos membros mais importantes da sociedade e que só eram usados para puxar bigas em ocasiões oficiais” (EMERY, SMITH, MILLARD, 1979, p. 194). Kitchen comenta que “esta é uma evidência clara do conhecimento e uso do cavalo no vale do Nilo muito antes de José entrar no Egito” (KITCHEN, 1960a, p. 184). Archer Jr. também declara:

Não precisamos inferir que a carruagem fosse muitíssimo usada como uma ala das forças armadas durante a 12ª dinastia, mas continua bastante concebível, até mesmo provável, que o rei tivesse carruagens cerimoniais construídas para ocasiões oficiais já nesse período bastante remoto. Sua utilidade na guerra pode não ter sido apreciada até depois da invasão dos hicsos, mas as carruagens dificilmente poderiam ser desconhecidas no Egito no século XIX. (ARCHER JR., 2018, p. 258)

Alguns estudiosos se opuseram à ideia de José, um semita, ser alçado à tão elevada posição no governo egípcio, mas exemplos semelhantes podem ser citados. Especialmente durante a era ramessida, tornou-se usual que estrangeiros servissem em altos cargos na corte (HOFFMEIER, 1996, p. 93-94).

Durante a turbulência dinástica que ocorreu após a morte de Seti II, em 1194 a.C., um oficial chamado Bay desempenhou um importante papel na ascensão de Siptá ao trono. Bay, um oficial nascido na Síria, alçou uma elevada posição política pelo favor real e recebeu o título de “Grande Chanceler de toda a terra”. Assim como José, Bay recebeu um nome egípcio: “Ramesse Khamenteru” (HOFFMEIER, 1996, p. 93-94).

Outro exemplo relevante, que se tornou conhecido através da descoberta de uma tumba em Saqqara, na década de 1980, é o de Aper-el, um semita que foi um oficial de alto escalão (vizir) durante o Império Novo. O segundo elemento do nome, “El”, pode ser o termo semítico genérico para “deus”, ou então apontar para El, o chefe do panteão cananeu. Aper-el supervisionou os assuntos reais

durante os anos finais de Amenhotep III e no reinado de Aqueenáton (HOFFMEIER, 1996, p. 94)¹⁶.

Nas cartas de Tel-el-Amarna, um cananeu de nome Dudu é referido como o oficial mais importante que se assentava na presença de faraó. Nessas correspondências, um alto oficial semita chamado Yanhamu também ordena ao povo egípcio que venda as suas posses e comprem alimentos, que deveriam ser estocados para um longo período de fome. Embora a história seja de um período posterior, Yanhamu poderia ter se inspirado no precedente de José (SILVA, 2007, p. 86).

2.8 - Títulos de José

“Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito.” (Gênesis 45:8)

José afirma primeiramente que Deus o pôs por “pai de Faraó”. Obviamente, a expressão aqui não implica qualquer significado biológico. Através da literatura egípcia, sabe-se que esse título poderia significar: a) o tutor do rei, durante o seu período de infância; b) o sogro de Faraó; c) sacerdotes menores, na complexa religião estatal egípcia; e por fim, d) um título honroso dado a funcionários que serviram por muito tempo e bem, ou que realizaram algum favor especial ao rei. José facilmente se qualifica para essa última aplicação (ALING, 2003a, p. 59-60). Clarke afirma que se tratava de um “título honorário,

¹⁶ Hoffmeier levanta ainda mais um ponto relevante: “Se um oficial de alto escalão como o vizir Aper-el era completamente desconhecido para o erudito moderno até o final de 1980, apesar do fato de ter vivido em um dos períodos mais bem documentados da história egípcia e ter sido enterrado possivelmente no local mais escavado no Egito, é errado exigir, como alguns têm feito, que evidências arqueológicas diretas de José deveriam estar disponíveis se ele fosse de fato uma figura histórica.” (HOFFMEIER, 1996, p. 94)

denotando não apenas uma posição, mas um grau de intimidade com o rei” (CLARKE, 2013, p. 59).

José é identificado a seguir como senhor de toda a casa de faraó. Este título apresenta uma contraparte egípcia exata, a qual pode ser traduzida como “Comissário Chefe do Rei”. O Comissário Chefe supervisionava detalhadamente as propriedades agrícolas pessoais do rei, além de cuidar dos celeiros reais, onde a riqueza da nação ficava armazenada (ALING, 2003b, p. 58).

O terceiro título é o mais controverso. O que significa que José foi governante de toda a terra do Egito? A expressão parece sugerir que José se tornou vizir ou primeiro-ministro do Egito; este era o cargo mais poderoso, com exceção do próprio faraó. O vizir era o principal redator dos registros do governo e o supervisor do governo em geral; nomeava funcionários inferiores para cargos do governo; controlava o acesso de pessoas a faraó; controlava os trabalhos de construção e indústria; e estava encarregado da produção agrícola. Que José tenha ocupado o cargo de vizir é também sugerido pelo texto de Gênesis 41:40, onde o faraó declara: “somente no trono eu serei maior do que tu” (ALING, 2003b, p. 59-60).

Era função exclusiva do vizir acolher embaixadas estrangeiras que chegavam até o Egito. Seria esperado que, quando os irmãos de José chegassem até o Egito, se encontrassem com o vizir. E José foi exatamente o homem que eles encontraram (Gênesis 42) (ALING, 2003b, p. 61).

É bastante possível que, além desses, José tivesse recebido outros títulos. Os antigos egípcios adoravam títulos. Merefnebef, um alto oficial da VI Dinastia do Egito e que serviu sob Teti, Usercaré e Pepi I, acumulou nada menos que 34 títulos em seu tempo de vida (CLARKE, 2013, p. 61).

2.9 - Sete Anos de Fome

Não há até o momento um registro contemporâneo a José acerca dos sete anos de fome. Há um texto de um período posterior (a "Estela da Fome"), datada dos dias de Ptolomeu V Epifânio (204-180 a.C.), que menciona a ocorrência de sete anos de fome, nos dias do faraó Djoser (c. 2691-2625 a.C.), do Império Antigo. Diz o texto:

Estou muito preocupado com os que estão no palácio. Meu coração está pesaroso porque há sete anos o Nilo não sobe. Há poucos frutos do campo, faltam ervas e todos os comestíveis. Cada homem furta do seu vizinho. ... As crianças choram, os moços fogem da terra. O coração dos velhos está abatido, seus membros inválidos, ficam sentados no chão. A gente da corte não sabe o que aconselhar. Os depósitos de víveres foram abertos, mas ... tudo o que aí se encontrava foi consumido. (cf. KELLER, 1978, p. 111)

Shupak afirma que a estela "contém arcaísmos atestando que ela se baseia em uma fonte primitiva. Em outras palavras, pode ser uma reconstrução tardia de um documento antigo" (SHUPAK, 2020, p. 343). Aling questiona se não seria possível que esta fosse uma memória distorcida da fome nos dias de José, mas posicionada durante o reinado de um faraó mais famoso (ALING, 2003b, p. 61).

Em 1975, Barbara Bell analisou registros da época do Império Médio e do Segundo Período Intermediário, acerca das flutuações nos níveis do rio Nilo. Bell concluiu que, em meados da XII Dinastia, níveis erráticos do Nilo causaram prejuízo às colheitas e desordem social. Em suas palavras, "é tentador associar esta fome com a história bíblica de José", embora a exploração dessa possibilidade fugiria ao escopo de seu trabalho (BELL, 1975, p. 261). Estudos em núcleos de gelo, encontrados no monte Kilimanjaro, na Tanzânia, a montanha

que abastece o Nilo com a sua água, também apontaram para a ocorrência de uma seca na época em que a Bíblia narra a história de José (BBC, 2009).

Uma das áreas mais férteis do antigo Egito eram as terras ao redor do Lago Qarun, o qual era alimentado com água provinda de um dos braços do Nilo. Uma vez que as secas faziam com que esse braço secasse, um canal foi construído entre 1850 e 1650 a.C., ligando a bacia de Fayyum ao rio Nilo, para manter os braços do Nilo permanentemente abertos, permitindo que a água enchesse o lago e mantivesse a terra fértil (MERRILL, 2007, p. 42). Uma matéria da BBC comenta o seguinte a respeito da construção desse canal:

Não há registro de quem construiu o canal, mas por milhares de anos ele só foi conhecido por um nome. Em árabe é o Bahr Yusef. Isso se traduz em inglês como "The Waterway of Joseph" [o Canal de José]. Este canal poderia ter sido construído por um certo primeiro-ministro chamado José, como parte de seu trabalho para salvar o Egito da fome? (BBC, 2009)

Sabe-se que o faraó Sesóstris III instituiu grandes reformas administrativas, quebrando o poder da nobreza local. Embora os detalhes sejam escassos, Sesóstris III acabou com a semi-independência dos governadores provincianos, conhecidos como nomarcas (ALING, 2002a, p. 23). Battenfield afirma ainda que "o fato de haver um celeiro egípcio no Delta na época de Sesostris III quase não precisa de justificativa" (BATTENFIELD, 1972, p. 82), o que está em acordo com Gênesis 41:48-49.

A "reforma agrária" de José não atingiu a terra dos sacerdotes (Gênesis 47:22) e, de acordo com Heródoto, houve pelo menos uma outra época da história egípcia em que os sacerdotes se beneficiaram com a isenção de tributos.

Privilégios sacerdotais referentes à terra e prestação de tributos vigoraram no período saíta (664-525 a.C.) (KELLER, 1978, p. 113).

2.10 - "Abominação para os Egípcios"

"Serviram-lhe a ele à parte, e a eles também à parte, e à parte aos egípcios que comiam com ele; porque aos egípcios não lhes era lícito comer pão com os hebreus, porquanto é isso abominação para os egípcios." (Gênesis 43:32)

"Respondereis: Teus servos foram homens de gado desde a mocidade até agora, tanto nós como nossos pais; para que habiteis na terra de Gósen, porque todo pastor de rebanho é abominação para os egípcios." (Gênesis 46:34)

A expressão "abominação para os egípcios", a qual também aparece no livro de Êxodo (8:26), reflete adequadamente uma série de crenças e costumes egípcios. Os egípcios proibiam a ingestão de uma série de alimentos, geralmente relacionados a áreas ou regiões específicas, considerados *bwt*, abominação. As proibições incluíam seis tipos de peixes, porcos, vacas, mel e alho-poró. Essas regras eram observadas meticulosamente em especial por sacerdotes e funcionários de alto escalão, incluindo reis (SHUPAK, 2020, p. 346-347).

A etiqueta alimentar era um tema principal nas instruções de sabedoria egípcia, do terceiro milênio a.C. em diante, e violações eram uma "abominação". Fontes literárias e iconográficas evidenciam que as maneiras à mesa eram rígidas e definidas. Nos banquetes e festivais egípcios havia uma ordem fixa de assentos. Homens e mulheres sentavam-se separados, com exceção das esposas que eram autorizadas a sentar-se ao lado do esposo. Os participantes dos banquetes eram sempre egípcios: comer com estranhos era incomum, com raras exceções sendo feitas. Esses dados históricos lançam luz sobre Gênesis 43:32, onde José, como

um oficial de alto escalão da corte real, se comporta de acordo com as normas locais da classe alta, abstendo-se de comer com estrangeiros; e também minam a argumentação crítica de que a narrativa devia datar do período pós-exílico, por não haver fontes egípcias antigas de que os egípcios não comiam com estrangeiros (SHUPAK, 2020, p. 347). Além disso, como explica Archer Jr.,

Isso jamais poderia ser dito sobre os governantes hicsos, pois a base de seu poder ficava na Síria e na Palestina, de onde migraram e onde, aparentemente, detinham o poder durante toda a sua ascendência no Egito. A atitude deles em relação a outros imigrantes e visitantes semitas que vinham para o Egito só poderia ser cordial, em vez de caracterizada pelo preconceito racial sugerido nesse versículo [Gn 43:32]. (ARCHER JR., 2018, p. 254)

As evidências textuais indicam que os egípcios raramente comiam ovelhas. Os carneiros representavam dois dos principais deuses criadores egípcios - Khnum, descrito como um oleiro, e Amun, deus do ar e do vento. As ovelhas não aparecem nas listas de sacrifícios oferecidos aos deuses. Das dezenas de cenas que retratam oferendas de animais aos mortos, apenas uma contém uma ovelha. José e sua comitiva não se sentaram para comer com seus irmãos porque estes eram pastores e comiam ovelhas (SHUPAK, 2020, p. 348-349).

Essas informações lançam luz sobre Gênesis 46:34 e sobre o pedido de Moisés em Êxodo 8:25-26. Os israelitas podiam sacrificar ovelhas a Deus apenas fora das fronteiras do Egito, a fim de evitar o risco de uma reação violenta por parte daqueles que as adoravam (SHUPAK, 2020, p. 349).

2.11 - Morte e Sepultamento

“Ordenou José a seus servos, aos que eram médicos, que embalsamassem a seu pai; e os médicos embalsamaram a Israel, gastando nisso quarenta dias, pois assim se cumprem os dias do embalsamamento; e os egípcios o choraram setenta dias.” (Gênesis 50:2-3)

“Morreu José da idade de cento e dez anos; embalsamaram-no e o puseram num caixão no Egito.” (Gênesis 50:26)

Tanto José quanto seu pai Jacó foram embalsamados. Esta é a única referência bíblica direta a uma mumificação promovida pelos hebreus (UNGER, 2011, p. 69; NIV ARCHAEOLOGICAL STUDY BIBLE, 2005, p. 81). Embora limitados, os dados bíblicos correspondem ao que é conhecido a partir de antigos registros. O embalsamamento e o uso de caixão eram práticas egípcias, não cananeias, na Idade do Bronze (KAISER JR., 1998, p. 73; HOFFMEIER, 1996, p. 95). O texto bíblico menciona a necessidade de 40 dias para o processo de mumificação. Esse parece ser um número arredondado, que concorda com um texto egípcio conhecido como “O Ritual do Embalsamamento”. O documento afirma que o início do processo de embalsamamento começava quatro dias após a morte e continuava por 42 dias (BRIER, 1994, p. 45).

José é relatado como tendo morrido aos “cento e dez anos”. Registros egípcios antigos afirmam que essa era a idade ideal na hora da morte, uma maneira de dizer que uma pessoa viveu uma vida rica e plena (embora um pouco “jovem” para um patriarca; Jacó morreu aos 147 anos, cf. Gênesis 47:28!). Aling (2003c, p. 91) explica que “no Egito Antigo, 110 anos era considerada a idade perfeita para morrer”. Hoffmeier declara:

Mais de trinta referências são conhecidas de textos egípcios nos quais uma expectativa de vida de 110 anos é mencionada. Era uma figura simbólica para um homem distinto e sábio. Um exemplo é Ptahhotep, que deixou para a posteridade um texto de sabedoria de c. 2320 a.C. Outro indivíduo foi Amenhotep, filho de Hapu, que serviu ao Faraó Amenhotep III (1390-1352 a.C.). Frequentemente, referências a 110 anos aparecem em orações ou desejos como 'Que eu alcance 110 anos na terra como todo homem justo' e 'Que ele [o deus Amun] me conceda 110 anos como a todo homem justo vivo'. (HOFFMEIER, 2008, p. 48)

Essas ocorrências abrangem desde o final do Império Antigo até o período ptolomaico (cerca de dois mil anos) (HOFFMEIER, 1996, p. 95). O falecimento de José aos cento e dez anos seria um testemunho aos egípcios, mesmo em sua morte, de que a bênção de Deus estava sobre ele (NIV ARCHAEOLOGICAL STUDY BIBLE, 2005, p. 83). Em contraste, na mentalidade hebraica posterior, "setenta anos é considerado um período de vida normativo e oitenta anos como o ideal" (HOFFMEIER, 1996, p. 95). "Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta" (Salmos 90:10; cf. tb. 2 Samuel 19:32, 35).

3 - TRANSMISSÃO DA HISTÓRIA DE JOSÉ

Como a história de José foi preservada, até seu aparecimento final no livro de Gênesis? Por um lado, é possível que as tradições tenham sido transmitidas oralmente por gerações, após a reunificação da família de Jacó no Egito, até serem colocadas por escrito (ainda na era pré-mosaica), e que tais registros foram posteriormente usados por Moisés em sua composição literária¹⁷ (cf. GARRETT, 1991, p. 105-106, 181). Por outro, é também possível que os registros

¹⁷ Garrett argumenta que ainda antes do Êxodo, a tribo de Levi era a responsável pela preservação e transmissão dos registros das tradições patriarcais (GARRETT, 1991, p. 208-210; mais extensamente, p. 199-232).

familiares escritos relativos à vida dos patriarcas tenham sido transmitidos já desde a época de José, através dos quatro séculos da permanência dos israelitas no Egito (KITCHEN, 1960b, p. 14-15).

Essa tese encontra paralelo nas práticas egípcias. Genealogias e documentos legais mostram claramente que a transmissão de registros familiares por longos períodos de tempo era perfeitamente praticável (KITCHEN, 1960b, p. 14-15).

José, como primeiro-ministro do Egito, teria todas as facilidades para registrar as tradições patriarcais de seus antepassados e transmiti-las pelas mãos de seus descendentes, até a época de Moisés. Esses registros não precisavam ser escritos em egípcio; ao contrário do que Leupp alega (2015), a escrita protossinaítica já estava disponível para uso na época de José (KITCHEN, 1960b, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como declara Aling (2002a, p. 21), “nos últimos cem anos ou mais, a pesquisa histórica e arqueológica tornou o estudo dos elementos egípcios na história de José mais frutífera do que nunca”. Hoffmeier afirma que “estudiosos com treinamento egíptológico há muito reconhecem os elementos egípcios na história de José” (HOFFMEIER, 1996, p. 83). Shupak, por sua vez, afirma que “os elementos egípcios embutidos na história se relacionam com diversos aspectos - costumes, práticas diárias, crenças e terminologia - e são mais numerosos do que em qualquer outra seção de Gênesis ou talvez no texto bíblico como um todo” (SHUPAK, 2020, p. 344).

Os diversos detalhes específicos presentes no texto bíblico da narrativa patriarcal de José apresentam pontos convergentes com a história e a cultura egípcias de sua época. Juntas, essas convergências sugerem que o relato de José não é simplesmente uma obra de ficção ou romance tardio, mas que sua genuinidade permanece firme. Também nesse caso, podemos ver que, apesar das acusações em contrário, “a Bíblia tinha razão”.

REFERÊNCIAS:

ALING, Charles. **Egypt and Bible History**. From Earliest Times to 1000 B.C. Grand Rapids: Baker Book House, 1981.

ALING, Charles. Joseph in Egypt. First of Six Parts. **Bible and Spade**, v. 15, n. 1, p. 21-23, 2002a.

ALING, Charles. Joseph in Egypt. Second of Six Parts. **Bible and Spade**, v. 15, n. 2, p. 35-38, 2002b.

ALING, Charles. Joseph in Egypt. Third of Six Parts. **Bible and Spade**, v. 15, n. 4, p. 99-101, 2002c.

ALING, Charles. Joseph in Egypt. Fourth of Six Parts. **Bible and Spade**, v. 16, n. 1, p. 10-13, 2003a.

ALING, Charles. Joseph in Egypt. Fifth of Six Parts. **Bible and Spade**, v. 16, n. 2, p. 58-61, 2003b.

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37 A 50) À
LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO
Fabrício Luís Lovato

36

ALING, Charles. Joseph in Egypt. Sixth of Six Parts. **Bible and Spade**, v. 16, n. 1, p. 89-91, 2003c.

ARCHER JR., Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. Edição Revisada e Ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2018.

BATTENFIELD, James R. A Consideration of the Identity of the Pharaoh of Genesis 47. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 15, n. 2, p. 77-85, 1972.

BBC. **Joseph**. 2009. Disponível em:
<<https://www.bbc.co.uk/religion/religions/judaism/history/joseph.shtml>>.
Acesso em: 20 set. 2021.

BELL, Barbara. Climate and the History of Egypt: The Middle Kingdom. **American Journal of Archaeology**, v. 79, n. 3, p. 223-269, 1975.

BRIER, Bob. **Egyptian Mummies: Unraveling the Secret of an Ancient Art**. New York: Quill, 1994.

CLARKE, Patrick. Joseph's Zaphenath Paaneah — a chronological key. **Journal of Creation**, v. 27, n. 3, p. 58-63, 2013.

DOSPĚL, Marek. **Joseph in Egypt. When did the biblical story take place?** 2021. Disponível em: <<https://www.biblicalarchaeology.org/daily/biblical-sites-places/biblical-archaeology-sites/joseph-in-egypt>>. Acesso em: 28 set. 2021.

EMERY, Walter. B.; SMITH, Harry S.; MILLARD, Alan. **The Fortress of Buhen: The Archaeological Report**. London: Egypt Exploration Society, 1979.

ERICKSON, Millard J. **Dicionário Popular de Teologia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37 A 50) À
LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO
Fabrício Luís Lovato

37

FRIED, Lisbeth S. Why Did Joseph Shave? **Biblical Archaeology Review**, v. 33, n. 4, jul./ago. 2007. Disponível em: <<https://www.baslibrary.org/biblical-archaeology-review/33/4/9>>. Acesso em: 20 set. 2021.

GARRETT, Duane. **Rethinking Genesis**. The Sources and Authorship of the First Book of the Pentateuch. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991.

GUNN, Battiscombe. Interpreters of Dreams in Ancient Egypt. **The Journal of Egyptian Archaeology**, v. 4, n. 1, p. 252, 1917.

HOFFMEIER, James K. **Israel in Egypt**: The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition. Oxford: Oxford University Press, 1996.

HOFFMEIER, James Karl. **The Archaeology of the Bible**. Oxford: Lion, 2008.

KAISER JR., Walter C. **A History of Israel**: From the Bronze Age through the Jewish Wars. Nashville: Broadman & Holman, 1998.

KAISER JR., Walter C. **Documentos do Antigo Testamento**. Sua relevância e confiabilidade. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

KELLER, Werner. **...E a Bíblia Tinha Razão**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1978.

KITCHEN, Kenneth A. A Recently Published Egyptian Papyrus and its Bearing on the Joseph Story. **Tyndale Bulletin**, n. 2, p. 1-2, 1956.

KITCHEN, Kenneth A. **Ancient Orient and the Old Testament**. Chicago: InterVarsity Press, 1966.

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37 A 50) À
LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO
Fabrício Luís Lovato



KITCHEN, Kenneth A. Egypt and the Bible: Some Recent Advances. **Faith & Thought**, v. 91, n. 3, p. 177-197, 1960a.

KITCHEN, Kenneth A. **On the Reliability of the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 2006.

KITCHEN, Kenneth A. Some Egyptian Background to the Old Testament. **Tyndale Bulletin**, n. 5/6, p. 4-18, 1960b.

LEUPP, Gary. **Ben Carson, Joseph in Egypt, and the Attack on Rational Thought**. 2015. Disponível em: <<https://www.counterpunch.org/2015/11/27/ben-carson-joseph-in-egypt-and-the-attack-on-rational-thought>>. Acesso em: 18 set. 2021.

LOUDEN, Bruce. **Homer's Odyssey and the Near East**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MENDELSON, Isaac. On Slavery in Alalakh. **Israel Exploration Journal**, v. 5, n. 2, p. 65-72, 1955.

MERRILL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento**. O reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações. 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

MITCHELL, David C. **Messiah ben Joseph**. Newton Mearns, Scotland: Campbell Publications, 2021.

NIV ARCHAEOLOGICAL STUDY BIBLE. An Illustrated Walk Through Biblical History and Culture. Grand Rapids: Zondervan, 2005.

PRICE, R. **Arqueologia Bíblica**: O que as descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

A HISTORICIDADE DA NARRATIVA PATRIARCAL DE JOSÉ (GÊNESIS 37 A 50) À
LUZ DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL EGÍPCIO

Fabício Luís Lovato

39

REDFORD, Donald B. **Egypt, Canaan, and Israel in Ancient Times.** Princeton: Princeton University Press, 1993.

RIPINSKY, Michael. The camel in dynastic Egypt. **Journal of Egyptian Archaeology**, v. 71, p. 134-141, 1985.

SCHULMANN, Alan. R. On the Egyptian Name of Joseph: A New Approach. **Studien zur Altägyptischen Kultur**, n. 2, p. 235-243, 1975.

SHUPAK, Nili. The Egyptian Background of the Joseph Story: Selected Issues Revisited. In: AVERBECK, Richard E.; YOUNGER JR., K. Lawson (Eds.). **An Excellent Fortress for His Armies, a Refuge for the People.** Egyptological, Archaeological, and Biblical Studies in Honor of James K. Hoffmeier. University Park: Penn State University Press, 2020. p. 340-352.

SILVA, Rodrigo Pereira. **Escavando a Verdade:** A arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

SMITH, Morton. Jewish religious life in the Persian period. In: DAVIES, William David; FINKELSTEIN, Louis (Eds.). **The Cambridge History of Judaism.** Volume One: Introduction; The Persian Period. Cambridge University Press, 1984. p. 219-278.

STRICKLING, James E. Imhotep. **Revista Criacionista**, v. 34, n. 72, p. 49-51, 2005.

UNGER, Merrill F. **Manual Bíblico Unger.** São Paulo: Vida Nova, 2011.